

José Ribeiro Dias acaba de publicar *Educar é Amar*. Para o Pacto Educativo Global do Papa Francisco (Paulus Editora, 2021). Ciclicamente, Ribeiro Dias tem vindo a retomar o tema da Educação, mas esta publicação surpreende porque revisita o vínculo e a interdependência entre Educação e Humanidade, não só para reincidir na premência de mudança, quanto para resgatar questões atemporais, dizendo-as de modo renovado e tornando-as significativas para o leitor actual.

Neste como noutros livros, Ribeiro Dias desenvolve uma epistemologia em escala, irradiando a partir de um núcleo e entretecendo uma espiral que combina o troncal com o rizomático, desdobrada por dialécticas que recriam um complexo central. Em *Educar é Amar*, o complexo central é formado pelas três dimensões da educação: valores materiais; valores humanos; Valores Transcendentes. Esta pluridimensionalidade perfaz uma escala que acompanha a existência dos humanos e a evolução da humanidade, desdobrando-se em dialécticas que reconfiguram, adensam, actualizam e ressignificam o complexo: educar, dimensão global, pacto educativo total. O conceito operativo é educar, definido como «criar condições para que o ser humano se desenvolva em todas as suas dimensões» (p. 44). Com esta formulação no modo infinitivo, o autor não apenas preserva a transitividade da educação através de uma acção orientada, quanto lhe assegura um sentido e enquadra o sem-limite de transformação e de tempo educativos.

Com efeito, estando o homem e a humanidade no centro da educação, tudo implica tudo; sendo a educação uma força de transformação progressiva, transversal, reflexiva, multiplicam-se os tempos, sem que o linear, o circular, o processual se tornem exclusivos; sendo a perfeição do homem um desígnio maior, em face da onnipresença do Ente Superior, rotas, ontologias e tecno-antropologias misturam-se, disseminando espaços, mobilizando diferentes meios, reabilitando memórias, experiências e percursos de vida. A história, a ciência, a cultura, as religiões são invenções, aquisições e meios que a humanidade construiu e recria para facilitar e assinalar a peregrinação a que está votada, no cumprimento do todo humano. Assim pois, aquela espiral projectada por Ribeiro Dias abriga uma constelação de transformações orientadas para a globalização, de que o pacto educativo é condição e produto.

Em *Na Rota do Mistério, viver, saber, amar* (Chiado, 2017), Ribeiro Dias incidira sobre educação como ontologia, recriando e fazendo evoluir a dialéctica de realização da humana condição: o conhecimento melhora a vida, e vida e sabedoria depuram-se e consumam-se no amor. No presente livro, o argumento “Educar é Amar” surge como uma tecno-antropologia,

baseada numa dialéctica diferenciada: educação; globalização; Pacto Educativo.

Educação é o pretexto para o autor traçar uma genealogia, convergindo na universalidade do direito à educação e na transversalidade e mundialização do institucional escolar, cultivadas desde a infância à idade adulta e desde a educação básica à educação terciária/ universitária. Tais universalidade e institucionalização são também extensivas à educação ao longo da vida, e surgem legitimadas e promovidas por instâncias de alcance global, com destaque para a ONU e a Unesco. A educação é meta e processo, porque, como referido, permite assegurar uma escala de valores: valores materiais, valores humanos, Valores Transcendentes. A sublimidade do educar/ educar-se, leva o autor a revisitar a dialéctica viver, saber, amar, pois que se saber é condição de viver, amar é fonte do saber (p. 58).

Para poder lançar o segundo capítulo, centrado na globalidade, tornou-se necessário a Ribeiro Dias perscrutar o conceito e o caminho da educação, numa combinação de étimo e semântica, em resultado da matriz indo-europeia que a história da humanidade tomou como berço de civilização e fez avançar pela evolução histórica e pelos monoteísmos; trata-se de um longuíssimo percurso de que a educação foi a principal via de transformação a que os monoteísmos não deixaram de recorrer, evangelizando, convertendo, fundando escolas. Esta globalidade é apresentada de modo genealógico, diverso e expansivo, convergindo para um Pacto Educativo a que o autor dedica o terceiro capítulo.

Assim, a idealização e a concretização de Pacto Educativo, conceito que retoma do Papa Francisco (mas que esteve bem presente em Jean-Jacques Rousseau, quando avançou a noção de Pacto Total, e em Michel Serres, quando glosou a noção de Pacto Natural), encontrou-as Ribeiro Dias na matriz educacional: ideação, processo, realização/reflexão. Sistematizando, esse radical tinha sido já abordado no primeiro capítulo; o processo e o sentido fazem parte do segundo capítulo; condição, mobilização e concretização formam o terceiro capítulo, no qual a noção de Pacto Educativo vem congregar os dois primeiros num programa de educação.

Essas diferentes instâncias e movimentos são descritas de modo gradual e evolutivo, refazendo a esfera do global. A globalização irradiou por efeito de humanização e desenvolvimento histórico de expansão oceânica, aculturação escrita, revolução científica e técnica, comunicação e aculturação de massas. O autor explora a consistência das contiguidades desta globalização, por movimentos que partiram ora do Ocidente, ora do Oriente, e que são alimentados por polarizações e dinâmicas de externalização e consolidação, assim como por imitação e diferenciação. Tais dinâmicas, descreve-as Ribeiro Dias como ondulações concêntricas, irradiando da esfera familiar – afinal, a totalidade mais pequena em que ganha sentido a dialéctica educativa.

O terceiro capítulo, Pacto educativo, é a síntese entre educação e religião, temas de eleição de Ribeiro Dias, que, com base na filosofia da educação e numa aprofundada formação teológica, procede a uma hermenêutica de análise e sínteses, traçando genealogias da convergência: um pacto do amor; o encontro das religiões; a procura do pacto educativo a partir da Igreja cristã. Diferentemente de Peter Sloterdijk, que, sem se apresentar como filósofo da educação, tem subjacente a educação como a via **de modernização cuja “normalidade”** torna possível uma epistemologia complexa, Ribeiro Dias parte da educação para conhecer e interpretar os mundos culturais, filosófico e, porventura, teológico. A humanidade cumpre uma teodiceia e a educação é fundamental nesse percurso. Para Ribeiro Dias a universalidade da educação e a institucionalidade escolar converteram os monoteísmos em locais de magistério e manifestações de peregrinação, em busca do sublime, e assinalando rotas de aperfeiçoamento, através da oração e da elevação interior. Em seu entender, os monoteísmos nunca estiveram tão próximos de se entenderem. Todavia, Peter Sloterdijk mantém os monoteísmos em suspeita; admite que eles poderão ser responsáveis pela **“morte” de Deus** (A Loucura de Deus. Do Combate dos Três Monoteísmos, **Relógio d'Água, 2009**). Para Sloterdijk, a educação é uma das vias de salvação, pois que reside nos sujeitos e nos caminhos de reflexão e elevação, num contínuo desafio às tecno-antropologias. E se Peter Sloterdijk faz publicar um título Tens de Mudar de Vida (**Relógio d'Água, 2018**), livro em que, por diversas aproximações, toma a educação como meta e processo, Ribeiro Dias avança com a definição de educação como tecno-ontologia – **“Educar é Amar”** e é uma via **“Para o Pacto Educativo Global do Papa Francisco”**.

Senhor de rara erudição, combinando magistralmente filologia e semântica, através de quadros histórico-linguísticos-pedagógicos-teológicos, Ribeiro Dias alia a genealogia e um discurso na primeira pessoa do plural – um **“nós”** de envolvimento e mobilização, que sabedoria, experiência e matura idade lhe conferem e legitimam. É frontal nos desafios de hoje, como na reinterpretação dos de ontem e na perscrutação do futuro. Desígnio e condição, **“Educar é Amar”** é, antes do mais, a inevitabilidade da recíproca **“amar é educar”**, que decorre da máxima socrática que serve de lema à pedagogia escolar e que a Pós-Modernidade veio legitimar, fazendo da educação um direito sem deveres. É da educação que Ribeiro Dias faz o caminho para o pacto global, que ou é educativo ou não será pacto e, menos ainda, global.

Educar é Amar é um livro de leitura agradável e fecunda, desvelando um pensamento claro e comprometido com o futuro. Lê-lo e comentá-lo, dentro e fora do campo formal da educação, é um justo reconhecimento a Ribeiro Dias, já que é trazer a educação para o centro dos actuais desafios. E se educação é presente-futuro e a esperança se alimenta a si mesma, Ribeiro Dias vislumbra um horizonte possível.